



III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UEG

HAITI: “PEDAÇO DE ÁFRICA PERDIDO NO MEIO DAS AMÉRICAS”. O DISCURSO MIDIÁTICO E A CONFORMAÇÃO DAS IDENTIDADES HAITIANAS

*Alex Donizete Vasconcelos*¹
Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Goiás, Brasil
advasconcelos@ig.com.br

Resumo: O Haiti, pequeno país localizado no coração do Caribe, cuja população descendente, em sua esmagadora maioria, de escravos negros africanos, trasladados da África para a América para mover as pesadas engrenagens do sistema colonial, surge na historiografia latino-americana como a antítese da ordem, como o país da barbárie e do caos, como um exemplo a ser evitado e combatido. Sua intrincada história sócio-política e econômica, que se desenvolve a partir de seu traumático processo de independência (1791-1804), deu ensejo a produção de um discurso detrator e vitimizador que ainda ecoa, agora pelos meios midiáticos. “Pedaço de África perdido no meio das Américas”, esse é, em suma, o mote a partir do qual o Haiti é, não raro, pensado e representado. Sua ligação com seus ancestrais africanos é sempre evidenciada com vistas a justificar, ainda que em parte, seus dramas e tragédias, materializados no quadro de pobreza e miséria que lhes garantem o jocoso título de “país mais pobre das Américas”. O estabelecimento da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) em 2004, surge como mais um componente que contribui sobremaneira para que tais representações se disseminem e perpetuem. É a partir desses marcos discursivos, midiáticos em sua maioria, que buscaremos analisar, ainda que sucintamente, algumas das construções identitárias que se estabelecem nesse espaço representativo África-América-Haiti.

Palavras-chave: Haiti, discurso, MINUSTAH, mídia

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás

[...] a escrita, tomada como exterioridade, constrói sujeitos, ou faz emergir de si efeitos-sujeito (FERNANDES, 2009, p. 382).

Pensar a constituição do sujeito, sua conformação, a partir e por força de determinadas práticas; do que se diz, e/mas também do que se nega; de um “sempre já aí” e de um “jamais dito”; a partir dos embates que se instauram entre o “um e o outro”; pensar o sujeito positivamente, como sujeito de ação, não obstante confinado, tomado pela história, pela memória e pelo devir; objetivado, como uma produção moderna, sujeito de saberes, que ganha vida e forma no/pelo discurso, por suas práticas. O sujeito deslocado, descentrado, fluido, movente - como pensado por Foucault, Pechêux, Hall, Balman, dentre outros - que insurge sempre a partir de uma exterioridade, de um exercício de alteridade; o sujeito, como analisado aqui, é sempre um efeito dessa exterioridade, um espaço de litígio, uma posição a ser ocupada, conquistada, ainda que a título precário; um sujeito que é a um só tempo unidade e dispersão, sujeito de contradições, de incompletudes. Sujeito de discurso. Sujeito e discurso.

Buscaremos, nos limites desse breve trabalho acadêmico, pensar a constituição/subjetivação do sujeito a partir da (re)produção de determinados discursos, literários e/ou midiáticos, dirigidos ao povo haitiano no contexto da ocupação do país pelas *forças de paz* da Organização das Nações Unidas (ONU), ali representadas pela Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

A (re)produção desses discursos, conforme procuraremos demonstrar, delineia-se a partir de um tensionamento existente entre o *já dito* e o *jamais dito*; entre os discursos hodiernos, que tomam/estampam as páginas eletrônicas dos jornais e periódicos, que nos informam acerca do Haiti, de seus dramas sócio-políticos e econômicos; e uma dada memória discursiva, caudatária de determinados discursos hegemônicos, homogeneizadores portanto, muito comuns, sobretudo a partir do último quartel do século XIX.

Ambos os casos concorrem, como teremos oportunidade de verificar, para o que Scaramal (2006, p. 7-8), chamou de “fenômeno da abjeção aos haitianos”. Segundo a autora, tal fenômeno pode ser observado a partir de dois pólos

O primeiro circunscreve-se a um ideário elitista, político ou acadêmico, concebido por políticos, viajantes ou estudiosos que se aproximaram da cultura haitiana com o objetivo, dentre outros, de conhecê-la. Nesses textos, é comum utilizar o conceito de *barbárie* para qualificar a cultura haitiana. O Segundo pôlo é composto por sujeitos de outros países do Caribe que compartilharam – ou estiveram na iminência de compartilhar – vivências com migrantes haitianos [...] O que se encontra é um manifesto sentimento de abjeção, de repulsa em relação ao grupo.

Ao procurar pensar os processos que levam à subjetivação desse sujeito, estaremos buscando desvelar a conformação/produção de dada identidade, que se estabelece a partir de um espaço sócio-histórico datado e localizado; de condições de produção que lhes são próprias; de uma exterioridade constitutiva, materializada por meio da escrita, que é desde já discurso; e do olhar inquisidor do outro, que é, desde já, alteridade. Olhar que homogeneíza, que opera, não sem violência, a inserção dos diferentes sujeitos no discurso, dando ensejo a determinadas posições/efeitos-sujeito. Olhar que não tolera os desvios, mas que não pode contê-los; carteiano, apresenta-se como via de mão única, e talvez por isso sempre transgredida. Esse olhar não nos é estranho, se afirma já há muito, em meio aos traumas e rupturas que tornaram-se, em dado momento, um dos traços distintivos da história haitiana.

Esses movimentos, a partir dos quais o sujeito é instado/levado a ocupar determinadas posições, posição/função sujeito, são sempre regulados por forças que tem lugar nas relações que se estabelecem no campo histórico-sócial, sendo sempre dotados de materialidade e historicidade; podem ser percebidos nos embates cotidianos; nas micro-instâncias, como assevera Foucault; no jogo das representações e das identidades, discursivamente conformadas; nas relações de poder que atravessam o sujeito, penetrando sua carne, interpelando-o, governando-o, tornando-o dócil e sujeitado, mas não sem resistência, como teremos oportunidade de ver adiante; sujeito ao/pelo discurso. As identidades, enquanto efeito discursivo, são construídas a partir dessas relações de poder, conforme Silva (2009:96):

a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Constituindo então o discurso o fio a partir do qual o sujeito toma forma, numa tessitura, como já pontuamos, atravessada pela história, e consequentemente pela memória, imersa no social, de onde lhe sobrevem suas vivas cores, buscaremos pensar aqui a subjetivação deste sujeito haitiano que, segundo nos *in-formam* determinados discursos, dos quais trataremos mais afrente, padece numa condição marginal, deslocados geograficamente, ocupando um espaço que lhes é negado; e historicamente, parecendo caminhar ao largo ou à

revelia dela; e, o que parece ainda mais perturbador, tem negada sua condição humana, logo a de sujeito, quer de seu território, de sua história e/ou de si mesmo.

O Haiti figura então, nos construtos discursivos contemporâneos, no mais das vezes, como a antítese da ordem, como o país do caos; o verdadeiro circo dos horrores do Caribe. Tais hipóteses podem parecer verossímeis se levarmos em conta determinada representação, discursivamente construída, produzida e disseminada, sobretudo a partir dos meios midiáticos de informação/meios de comunicação de massa. Dentro dessa perspectiva, alguns cronistas retrataram-no, ora como “terra de ninguém” (MAISONAVE, 2005, on-line); ora como “uma nação patética”, ou como um “pedaço da África perdido no meio das Américas” (SCHWARTSMAN, 2010, on-line); e, em outros momentos ainda (FREIRE, 2010, on-line) descrevem-no como “um dos piores buracos do inferno sobre a terra”.

É essa imagem que orienta os discursos produzidos acerca do Haiti: um país de negros, débil, caótico e totalmente dependente da ajuda internacional. Como afirmou Schwartsman (2010:on-line),

No Brasil, [e não só aqui] Haiti virou sinônimo de miséria e das piores mazelas da pobreza. Na França, designações comuns para o país caribenho incluem “nação patética” e “pedaço da África perdido no meio das Américas”. Nem sempre foi assim. Faz tempo, é verdade, mas o Haiti também já foi conhecido como “pérola das Antilhas”.

As raízes africanas evidenciadas não só na cor da pele, motivo de orgulho do povo haitiano – *noblesse haitiana* -, mas também na sua intrincada cultura, trazem consigo todo o preconceito e racismo dispensados ao continente africano. É comum observar essa referência - “pedaço da África perdido no meio das Américas” -, como forma de menosprezar e denegrir a imagem do povo haitiano, ou dos africanos, buscando apresentar apenas os fatores negativos dessa ligação com o continente africano, como fica claro no trecho da reportagem de Zanini (2010:on-line):

É comum dizer que o Haiti "não pertence" ao continente americano e que, na verdade, o país caribenho é um pedaço da África no hemisfério Ocidental. Há muito de verdade nisso. [...] Em desenvolvimento humano, a realidade dos haitianos é compatível com a africana. [...] Toda a paisagem urbana africana está firmemente implantada por aqui: mulheres equilibrando carga na cabeça, porcos passeando nas ruas, táxis com o vidro dianteiro rachado, vendedores sem troco, crianças com manchas de desnutrição no couro cabeludo. [...] Mas há algo de inadequado na comparação. Em primeiro lugar, não há uma única África, assim como não há um Terceiro Mundo apenas.

Zanini alerta para o que parece óbvio; apenas parece, mas não é. A comparação Haiti-África não é gratuita, nunca foi. Quando esta comparação é discursivamente estabelecida o que se quer evidenciar, na grande maioria das vezes, são os aspectos de uma aparente incapacidade supostamente inata e comum aos dois lados do Atlântico. O ato de estabelecer essa generalização, uma “única África” e “um Terceiro Mundo”, visa apagar, tornar invisíveis, as singularidades históricas e culturais de cada povo, fazendo transparecer, ao final, apenas os aspectos que depoem contra seu povo e o seu passado de lutas.

Do passado o que se destaca não são as conquistas dos escravos liderados por Tousaint Louverture e sim o título de pérola das Antilhas que, como lembra Schwartsman, um pouco a frente, foi obra dos franceses, conseguido por força da brutal exploração de cerca de quinhentos mil negros nas lavouras haitianas. As lutas e os feitos da independência, levadas a cabo pelos escravos da pequena ilha são, não raro, condenados e/ou simplesmente ignorados, cedendo lugar a um discurso racista. Strecker (2010:on-line) reforça nossas colocações:

Para o historiador Manolo Florentino [Organizador de Tráfico, Cativeiro e Liberdade, ed. Civilização Brasileira, colunista da Folha e professor de história na Universidade Federal do Rio de Janeiro], “chama a atenção” que a singularidade haitiana esteja sendo pouco mencionada após o terremoto que devastou o país. “O Haiti é o único caso de revolta escrava que toma o poder nas Américas”, [...] Se, por um lado, as revoltas exitosas foram precursoras do fim da escravidão e da independência política no contexto do antigo mundo colonial, condenaram esses países de um ponto de vista econômico.

E não só econômico. Houve, e ainda há, uma explícita tentativa de apagamento cultural. Campanhas anti-superticiosas e condenação/ridicularização da prática do Vodú.

Outro exemplo da utilização desse discurso foi a declaração do cônsul geral do Haiti em São Paulo, George Samuel Antoine. Antoine faz parte da minoria branca haitiana e é cônsul em São Paulo desde 1975, quando foi indicado por Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc. Em declaração ao programa “SBT Brasil”, veiculada pela Folha em 16 de janeiro de 2010, ao comentar o terremoto ocorrido quatro dias antes, Antoine afirmou: “Acho que, de tanto mexer com macumba, não sei o que é aquilo. O africano em si tem maldição. Todo lugar que tem africano está fodido.” (GALVÃO, 2010:on-line). Pouco a frente, na mesma reportagem, afirma ainda que “*a desgraça do Haiti está sendo uma boa*” porque o país “*fica conhecido*”.

Scaramal (2006) nos alerta sobre o papel desempenhado pelos meios midiáticos contemporâneos na constituição dessas representações, que privilegiam, segundo a autora, justamente o terror e o caos. Scaramal (2006, p. 56), afirma que

[...] a mídia internacional tende a ressaltar o terror e o horror no cotidiano do Haiti. [...] São justamente essas imagens caóticas e aterradoras que são propagadas por espectadores que visitam o Haiti. Notícias como as anteriormente citadas [caóticas e aterradoras] são profusas nos periódicos internacionais. Fortalece-se então a idéia de [...] lassidão na população haitiana, que convive diariamente sob o domínio dessas imagens.

Estes sistemas de representação, cultural e historicamente produzidos, constituem estruturas/bases que suportam/possibilitam o estabelecimento/construção de tais identidades. Circunscrito nesse espaço simbolicamente estruturado, o indivíduo é levado, por força/ação das relações de poder que se desenvolvem no meio social, a ocupar determinada posição, não fixa, caracterizada por deslocamentos e movências; espaço sempre em construção.

O sujeito, tal qual sua identidade, caracteriza-se assim pelo seu estado precário; pronto para desfazer-se, para transformar-se, para ocupar outras posições, ainda que sem abrir mão daquelas outrora ocupadas. Podemos observar, na assertiva da autora, que as notícias e imagens, tal como descritas, propagadas por aqueles que por ali passam – e estabelecem relações -, e também pelos meios de comunicação de massa, atuam como nós em uma rede, parafraseando Foucault, assujeitando e conformando as representações e as identidades haitianas. Woodward (2009, p. 17), corroborando essa proposição, assinala o papel ativo da mídia nessas construções. Segundo a autora “A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular [...]. A autora (WOODWARD, 2009, p. 17), afirma ainda que

A representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Por meio do tensionamento entre os campos da história, da memória e do discurso, os meios midiáticos/de comunicação de massa, acabam por estabelecer as necessárias condições para que determinado enunciado produza a representação que dele se espera. A mídia conforma na medida em que informa. Não há, e isso em todos os meios, isenção no ato de informar. Os objetivos, bem como os sentido que se busca alcançar estão postos, antes mesmo que o discurso se materialize, ainda que não seja possível ter controle estrito sobre o processo. Trata-se, portanto de pensar a mídia enquanto espaço onde são engendradas, mediante práticas discursivas, as representações que dão suporte às identidades. Gregolin (2007:16), afirma:

O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta. Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma história do presente como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata [conforma] a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

Cabe lembrar, com relação ao nosso objeto em particular, que as identidades são construídas não somente a partir daquilo que se afirma, mas também, e sobretudo, a partir do que se nega, ou seja, do estabelecimento das diferenças. Vimos que o haitiano, enquanto sujeito de dada identidade, discursivamente construída a partir do tensionamento entre uma memória discursiva e a “rearticulação” e/ou “projeção” (FERNANDES, 2012, p. 96) de discursos hodiernos, constitui-se enquanto sujeito de negação. O haitiano é, nesse caso, o que se nega; é o anverso: é ninguém; é patético; parece não pertencer ao continente americano, mas também já não pode mais ser africano. O Haiti não é apenas um buraco do inferno sobre a terra, mas “*um dos piores buracos do inferno sobre a terra*”. (grifo nosso). FREIRE (2010, on-line), termina essa reportagem, que traz como título a inquietante indagação: “Como se faz um Haiti?”, com uma afirmação que ilustra bem o que dissemos. Segundo ele “O Haiti quase não existe.”

O haitiano, pensado/representado a partir desse referencial discursivo, surge, via de regra, como bárbaro e bestializado; sempre à margem, como sujeito de um discurso que teima em não silenciar e que parece cada dia mais presente.

Tal discurso, longe de se diluir, torna-se ainda mais exasperado nos momentos de crise e tensão, que, por sinal, tem sido recorrentes no Haiti, sobretudo nas últimas décadas. É um discurso que traz ao palco um sujeito que o haitiano não reconhece, e se esforça em negar. Um esforço que por vezes parece vão, apesar de seu afinco. Esse sujeito, corroborando Araújo (2001, p. 111), “[...] não é dado definitivamente, nem é o portador da verdade, mas alguém que se constitui no interior da história e é a cada vez fundado por ela.” Caberá então ao povo haitiano, não podendo fugir do papel que lhes coube encenar, esperar, parafraseando um grande líder caribenho contemporâneo², que a história lhes absolve.

² Fidel Castro - “La Historia me absolverá”, pronunciamento de 16 de outubro de 1953.

Referências

- ARAUJO, Inês Lacerda. A constituição do Sujeito. In? _____. *Foucault e a crítica do Sujeito*. Curitiba : EDUFPR, 2001. P. 87-122.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In? RABINOV, Paul/ DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica* – Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1984. P. 229-249.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e sujeito em Michel Foucault. São Paulo : Intermeios, 2012.
- GALVÃO, Vinícius Queiroz. *Cônsul do Haiti atribui tremor à religião africana*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 16 jan. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1601201014.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2010.
- GOMES, F. S.. *Experiências transatlânticas e significados locais: idéias, temores e narrativas em torno do Haiti no Brasil Escravista*. *Tempo - Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, v. 13, n. 1, pp. 209-246, 2002.
- INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Org.). O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras. In: FERNANDES; Cleudemar Alves. *Exterioridade e construção identitária em Pierre Rivière*. 1ª Ed. São Carlos : Claraluz, 2009. p. 381-392.
- FREIRE, Vinícius Torres. *Como se faz um Haiti?* Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 17 jan. 2010. Dinheiro. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1701201008.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2010.
- MAINSONNAVE, Fabiano. *Apesar da ONU, Haiti vira 'terra de ninguém'*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 12 jun. 2005. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1206200508.htm>>. Acesso em: 06 ago. 2013.
- SCARAMAL, Eliesse dos Santos Teixeira. *Haiti: fenomenologia de uma barbárie*. Goiânia: Canône Editorial, 2006.
- SCHWARTSMAN, Hélio. *Graças ao açúcar, “pedaço da África” já foi uma “pérola”*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 14 jan. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1401201013.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- STRECKER, Marcos. *Para historiador, singularidade haitiana deveria ser mais enfatizada*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 15 jan. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1501201020.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

ZANINI, Fábio. *Haiti: pedaço e inspiração para África no Caribe*. Folha de São Paulo, Folhaonline, São Paulo, 28 jan. 2010. Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2801201011.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2010.